



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

A FEIRA DE PRODUTOS DA TERRA: QUANDO A ESCOLARIZAÇÃO PRODUZ MOVIMENTO SOCIAL

DIANE DO CARMO RIBEIRO BRITES

NILDETE DOS SANTOS POMBO MACHADO

EIXO: 3. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é analisar a relação entre a escolarização e a atuação de mulheres que participam da Feira de Produtos da Terra, realizada no Assentamento Coqueiral Quebó, município de Nobres/MT. Os pressupostos teórico-metodológicos estão ancorados no campo das narrativas autobiográficas, entendidas como estratégias de autoformação e como método de pesquisa. Os dados foram extraídos de entrevistas realizadas junto a cinco mulheres que foram alunas de escola do campo e participantes das atividades escolares que motivaram a criação da referida feira, enquanto atividade curricular vinculada ao Projovem Campo – Saberes da Terra. As análises remetem ao entendimento de que a escola do campo tem papel importante no fortalecimento da agricultura familiar/sustentável, dando às mulheres autonomia financeira.

Palavras chave: educação do campo, mulheres e organização social

ABSTRACT

El objetivo de este trabajo es analizar la relación entre la educación y el papel de las mujeres que participan de la Feria de Productos de la Tierra, efectuada no Asentamiento Coqueiral Quebó, ciudad de Nobres/MT. Los supuestos teóricos metodológicos están anclados en el campo de las narrativas autobiográficas, entendidas como estrategias de autoforma y como método de investigación. Los datos fueron extraídos de entrevistas efectuadas junto a cinco mujeres que fueron alumnas de escuela del campo e participantes das actividades educativas lo que motivó la creación de la dicha feria, mientras actividad curricular vinculada ao Projovem

Campo – Saberes da Terra. Las análisis se refieren a la comprensión de que la escuela del campo tiene papel importante en el fortalecimiento de la agricultura familiar/sostenible, dando a las mujeres autonomía financiera.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo, analisar a relação entre a escolarização e a atuação de mulheres que participam da Feira de Produtos da Terra, realizada no Assentamento Coqueiral Quebó, município de Nobres/MT. O tema chamou nossa atenção porque se trata de uma iniciativa que foi desencadeada por estudantes e professores Escola Estadual Marechal Cândido Rondon e mantida após os encerramentos das atividades educativas em decorrência do papel social dessa atividade.

Os dados foram extraídos de entrevistas realizadas junto a cinco mulheres, com idades entre 36 e 65 anos, às quais foram alunas da referida escola seja na Educação de Jovens e Adultos (EJA), na modalidade regular ou no Programa Projovem Campo - Saberes da Terra. Este Programa foi fomentado pelo Ministério da Educação (MEC). Buscou-se com esse programa ampliar o acesso à educação de qualidade "respeitando as características, necessidades e pluralidade de gênero, étnico-racial, cultural, geracional, política, econômica, territorial e produtivas dos povos do campo" (BRASIL, 2013).

Balizadas pelo objetivo proposto organizamos este trabalho em três partes. A primeira trata do Programa Projovem do Campo enquanto uma política oficial. Nessesentido explicitamos as finalidades e a configuração do referido programa e sua implementação no contexto da escola que foi campo deste estudo. A segunda parte apresenta o perfil das mulheres entrevistadas e as trajetórias estudantis vivenciadas pelas mesmas. A terceira parte explicita o processo de criação da Feira de Produtos da Terra enquanto movimento social desencadeado como atividade escolar, contando com a participação das mulheres na condição de estudantes e que se mantiveram na atividade após a conclusão do ensino médio.

O Projovem campo Saberes da Terra

De acordo com informações pesquisadas no site do MEC, o Projovem do Campo – Saberes da Terra é um programa que foi implementado em 2005, com a finalidade de possibilitar a educação de jovens agricultores familiares de 18 a 29 anos que não concluíram o ensino fundamental, articulando a escolarização com a qualificação profissional, respeitando as especificidades dos povos do campo, no que se refere a características, necessidades e pluralidade de gênero, étnico-racial, cultural, geracional, política, econômica, territorial e produtiva.

O processo de configuração do Projovem foi desencadeado pelo MEC, com a participação de vários grupos civis ligados aos movimentos sociais que travam lutas no sentido de assegurar suas demandas. No âmbito do governo federal o programa mobilizou várias instâncias oficiais entre as quais destacamos: Secretaria de

Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), Ministério do Desenvolvimento Agrário por meio da Secretaria da Agricultura Familiar (SAF) e da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT); Ministério do Trabalho e Emprego por meio da Secretaria de Políticas Públicas de Emprego (SPPE) e da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES); Ministério do Meio Ambiente por meio da Secretaria de Biodiversidade e Floresta (SBF) e Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome e Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) vinculada à Presidência da República.

O texto que apresenta este programa (BRASIL 2010) evidencia que os argumentos que justificam a sua criação foram assentados na necessidade de superar a desigualdade entre os níveis de escolaridade dos jovens que moram no campo e na cidade. Nesse sentido, levou-se em conta dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2006. Os dados demonstraram que cerca de 30% dos jovens do campo não concluíram o ensino fundamental, com agravamento do quadro para o ensino médio, em que a porcentagem ultrapassou os 60%, contra 18% e 30 % respectivamente para os jovens urbanos.

O documento chama atenção para a necessidade de adoção de políticas públicas que favoreçam o enfrentamento dos desafios da educação do campo, especialmente no que se refere às dificuldades de acesso às escolas; à baixa densidade demográfica nas regiões rurais que reduzem o número de alunos por escola, onerando diretamente os cofres públicos; a desatenção da escola à realidade vivida pelos estudantes. Admite-se que, embora a legislação determine a obrigatoriedade da educação básica que inclui o Ensino Médio, a escolarização das populações do campo fica comprometida pelas deficiências e desigualdades. Apontam-se como fatores responsáveis pela baixa escolarização no campo, as estruturas precárias e improvisadas das escolas que nem sempre oferecem todas as séries do Ensino Fundamental, o sistema multisseriado, professores unidocentes pouco qualificados e mal remunerados. A formação cultural dos jovens do campo também fica comprometida pela restrição do acesso a bibliotecas, cinemas, teatro, shows, etc. Nota-se que o texto incorpora boa parte dos discursos de pesquisadores da área (CALDART, 2005, 2007; FERNANDES, 2005, 2006) e também o discurso dos movimentos sociais pela educação do campo.

Conforme foi citado anteriormente, o Programa Projovem do campo volta-se para a educação de jovens agricultores familiares na faixa etária de 18 a 29 anos. O perfil desse público-alvo é definido também pelos seguintes critérios: residir no campo, saber ler e escrever, não ter concluído o Ensino Fundamental, ser agricultor familiar.

Na Escola Estadual Marechal Cândido Rondon o objetivo geral do programa do Projovem do Campo foi desenvolver políticas públicas de Educação do Campo e de Juventude que oportunizem a jovens agricultores familiares excluídos do sistema formal de ensino, a escolarização em Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, integrando à qualificação social e profissional. Todavia, a clientela prevista no

programa não demonstrou interesse, dando assim, lugar às mulheres, com faixa etária superior à prevista inicialmente. Isso explica porque Gugelmin (2014), em seus estudos sobre o Projovem no contexto do Assentamento Coqueiral-Quebó, mais especificamente da Escola Estadual Cândido Rondon, referiu-se ao programa como "Promulher do Campo". O interesse de mulheres pelo Projovem foi explicado pela possibilidade de conciliar as atividades domésticas e a lida no campo com as demandas da vida estudantil.

A Escola e a comunidade

A criação da escola que foi campo deste estudo está relacionada com a criação da Gleba Coqueiral e, por conseguinte, com a luta pela terra travada, desde 1996, por homens, mulheres e crianças que permaneceram acampados durante dois anos na beira da rodovia 163, próximo ao município de Nobres. Os acampados reivindicavam as terras onde hoje se localiza a Gleba num embate com o poder público. Em decorrência da sua grande extensão (aproximadamente 52.000 hectares) o assentamento foi dividido em comunidades que foram assim denominadas: Córrego Fundo; Água Doce; Lagoa Azul; Roda d'água; Salobra; Xurupita, Setecentos Hectares; Quebó da Mata; Cerquinha; Água Fria; Bom Jardim; Cuiabazinho e Campo Verde.

A Escola Estadual Marechal Cândido Rondon foi criada pelo Decreto 2.643, de 03 de março de 2004, após uma intensa luta da comunidade pelo direito de possibilitar às crianças, jovens e adultos a continuidade da escolarização até o nível médio. Está localizada na Comunidade Roda D'água facilitando o atendimento de estudantes da Vila das demais comunidades. O transporte de estudantes das comunidades mais distantes é feito por ônibus escolar. Vale ressaltar que alguns alunos que percorrem cerca 160 km diariamente para poderem estudar.

Em termos arquitetônicos a Escola Estadual Marechal Cândido Rondon se destaca no terreno de 20.000m², sendo 10.0000 m² cercados com alambrado. A estrutura física da escola é constituída por oito salas de aula, uma biblioteca, uma salade multimídia, secretaria, sala da direção e de professores, dois banheiros, uma cozinha com refeitório, além de uma quadra coberta e uma grande área livre com aproximadamente um hectare. A 15 km de distância, na comunidade do Bom Jardim, funcionam quatro salas anexas, atendendo alunos de EJA e ensino médio.

A escola, mesmo tendo sido construída recentemente e entregue à comunidade no final de 2011, passa por inúmeros transtornos quanto à estrutura física. O prédio apresentou problemas como rachaduras, instalações elétrica e hidráulica inadequadas e ineficientes, dentre outros, fazendo com que o mesmo fosse interditado parcialmente no ano de 2014, acarretando na construção de salas anexas, locadas pela SEDUC para atender a demanda urgente.

Atualmente, a escola oferece desde a 2ª fase do 3º ciclo, do ensino fundamental até a última série do ensino médio, e conta com 270 alunos, distribuídos em turmas das séries finais do ensino fundamental, ensino médio regular e EJA, com faixa etária variando entre 12 e 56 anos.

Desde 2014, a escola, em parceria com a UFMT, participa do Projeto Novos Talentos, que é de suma importância, tendo em vista que, à partir dele, os alunos demonstraram maior interesse e respeito pelo espaço no qual estão inseridos, bem como maior participação nas atividades propostas pela escola.

Em 2016, houve grande avanço com relação à inclusão de alunos portadores de necessidades especiais, uma vez que a escola atende dois alunos surdos e dez com déficit intelectual. Nesse sentido, conta com apoio da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) para a contratação de pessoas para atenderem as especificidades dos mesmos com relação à aprendizagem.

No início de 2016, a escola, cedeu espaço para uma instituição particular, que está oferecendo, em regime à distância, o curso de Pedagogia, para uma turma de aproximadamente 30 alunos.

Em maio de 2016, atendendo uma demanda crescente na região, no tocante ao turismo, iniciou-se o curso de Guia de Turismo para 60 alunos. Essa iniciativa foi apoiada pela Secretaria Municipal de Turismo de Nobres, considerando o potencial turístico da região. É pertinente ressaltar que a Escola está situada no entorno do Parque Estadual da Lagoa Azul, numa região privilegiada por inúmeras belezas naturais, como rios, grutas, cachoeiras, cavernas, tornando cada vez mais crescente a presença de turistas na região, tanto de pessoas do Brasil, quanto de vários outros países. Assim, o turismo passou a ser reconhecido como mais um campo de trabalho para jovens da região.

Para a maioria dos jovens do Coqueiral os postos de trabalho continuam sendo as fazendas, a empresa mineradora instalada no local, a lida no contexto familiar que inclui criação do gado ou agricultura de subsistência. Outros postos de trabalho referem-se ao serviço público (as escolas, estadual e municipal, posto de saúde e Prefeitura Municipal) e ao pequeno comércio na Vila Roda D'Água.

A localidade possui pouquíssimas opções de lazer, sendo a escola o maior ponto de encontro das pessoas, por meio de atividades pedagógicas, reuniões periódicas, festas e a Feira de Produtos da Terra, que acontece mensalmente, além de ser um espaço utilizado por secretarias vinculadas à Prefeitura Municipal, para a realização de eventos como: palestras e outros de acordo com a área de atuação.

As narrativas como método de pesquisa

Neste estudo fizemos uso de entrevistas narrativas considerando que esse tipo de método de pesquisa constitui-se um importante recurso para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas em educação. Fundamentam-se na coleta de dados por meio de relatos das histórias de vida do entrevistado, entrecruzadas com fatos do contexto situacional. Trata-se de uma forma de investigação que exige disposição para contar e escutar histórias.

A narrativa, não é apenas um relato técnico. Ela pode suscitar nos entrevistados lembranças boas ou ruins fazendo emergir emoções e sensibilidades. Esses aspectos podem ser considerados pelo pesquisador, uma

vez que remetem à outras questões, abrindo novas possibilidades de compreensão e de interpretação dos fatos.

As narrativas combinam histórias de vida a contextos sócio-históricos, ao mesmo tempo que as narrativas revelam experiências individuais e podem lançar luz sobre as identidades dos indivíduos e as imagens que eles têm de si mesmo, são também constitutivas de fenômenos sócio-históricos específicos nos quais as biografias se enraízam. As narrações são mais propensas a reproduzir estruturas que orientam as ações dos indivíduos que outros métodos que utilizam entrevistas. Dessa maneira, o objetivo das entrevistas narrativas não é apenas reconstruir a história de vida do informante, mas compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos informantes (MUYLEAERT *et al*, 2014. p. 196)

Nesse estudo as narrativas foram realizadas por meio de entrevistas com cinco mulheres com idades entre 36 e 65 anos. Elas participaram da pesquisa como pessoas que têm voz e capacidade para explicar acontecimentos importantes de sua vida e do contexto social. Para facilitar a comunicação foi solicitado que as entrevistadas narrassem de forma espontânea e simples. Dessa forma, as entrevistadas atuam de forma colaborativa, numa atitude de interação, de troca, de diálogo, que pode favorecer a compreensão dos fatos tanto pelo entrevistador como também pelos participantes.

As entrevistadas foram alunas da Escola Estadual Marechal Cândido Rondon, seja no ensino regular, na Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou no Projovem Campo Saberes da Terra. Das cinco mulheres, duas residem na Vila Roda D'Água, uma na Comunidade Bonanza, uma na localidade, denominada Água Fria e uma na Comunidade Córrego Fundo.

A pesquisa foi realizada no mês de maio de 2016, por meio de entrevistas gravadas em áudio, realizadas nas residências das entrevistadas e na escola, com a devida permissão das mesmas. As entrevistadas atuam como donas de casa, agricultoras, além de serem mães, filhas, esposas.

As entrevistadas vieram de diferentes lugares, sendo três de Cuiabá, uma de São Paulo e uma de Nova Olímpia, mostrando que a diversidade cultural está presente no assentamento. Quatro delas relataram que se mudaram para a região em virtude do sonho da família, principalmente dos esposos, de serem donos da própria terra, além do desejo de criarem os filhos em um ambiente saudável e livre da violência da cidade grande. Uma das entrevistadas veio do estado de São Paulo, a fim de visitar familiares e aqui acabou conhecendo o atual esposo, com quem vive atualmente.

Escola: sonhos, percalços e percursos

Todas as entrevistadas relataram que ficaram um longo período sem estudar e que sempre sonharam em

retomar os estudos, porém, para a concretização desse sonho, tiveram que travar verdadeiras batalhas no contexto familiar tanto para retomar os estudos, como para concluí-los, uma vez que são muitas as dificuldades encontradas no percurso estudantil da mulher do campo.

Eu tinha o sonho de aprender a ler, para poder ler a bíblia. Quando eu comecei a minha vizinha falou: Você vai estudar para que?

Eu queria ter pelo menos o terceiro ano. [...] Antigamente meu véio não queria que eu estudasse, falou até em comprar um revólver e dar um tiro na minha cabeça lá na porta da escola. Depois, no final, ele falava uai véia, ce tá ficando atrasada, vai perder o ônibus, se tiver alguma coisa para fazer, deixa que eu faço, senão você vai perder o ônibus. [...] Quando eu estudava, tinha que cuidar das coisas, as vezes olhava no relógio e o ônibus estava vindo, aí eu descia as panelas dos fogo e colocava um pouco de comida e descia comendo até lá no ponto (700 metros), lá eu escondia a vasilha e entrava no ônibus. [...] A minha vizinha falava que faz mal você comer andando, mas eu falava que estava com fome e precisava estudar. A maior dificuldade é depender dos outros para poder sair. O meu maior sonho é comprar um carro pra mim. [...] No dia da minha formatura, vieram dois rapazes. Um falou: puxa vida, agora eu fiquei com vergonha da senhora formando e eu parado. [...] Agora eu estou aprendendo a pintar pano, na escola, lá na Vila, pela Ação Social. [...] Se eu tivesse uma idade mais baixa, eu ia fazer uma faculdade, mas minha idade já está lá em cima. (Delma)

Eu não estudei quando era criança, o primeiro motivo foi a separação dos meus pais, o segundo é que ele se envolveu com outras pessoas, outras mulheres e esqueceu que ele tinha cinco filhos. Meu pai jogou a gente na roça, eu me lembro que ele falava que lugar de "meninos" era na roça, nós não tivemos liberdade de estudar, não tivemos liberdade de brincar, então nós não tivemos liberdade de nada, a minha liberdade está sendo agora. Então, a minha liberdade de ser alguém na vida, até os dezoito anos eu não tinha os meus documentos, ficava com ele. Ele falava que menina mulher não podia ir na cidade, tinha que ficar no mato. Eu nunca tinha estudado, comecei estudar agora, em 2010, já com o cabelo branco, com trinta e sete anos, pena que foram só 5 anos de aula, mas o que eu pude aproveitar na sala de aula eu aproveitei. [...] tem várias coisas que a gente aprendeu com os professores, aliás, eles ensinaram coisas que a gente nem imaginava que existiam. (Neide)

Fiquei dezessete anos sem estudar, porque casei e o marido não me deixou estudar mais, até que me separei e vim pra cá. A lembrança que eu tenho da escola é que

era uma época muito boa, apesar das dificuldades. Saía muito cedo de casa, chegava tarde da noite. A gente saía de casa as 11 horas e chegava 7:30 da noite. Era difícil, era, mas era bom. Apesar das dificuldades de ter que vir, tinha o meu tratamento também, contra lúpus. Tinha vez que eu ficava mais de 15 dias em Cuiabá, mas mesmo assim os professores me ajudavam, me davam trabalhos, eu fazia os trabalhos. E eu consegui, terminei. Cheguei a pensar em desistir muitas vezes, mas meu esposo ficava me empurrando. Eu falava que não ia mais estudar e ele me incentivava. Eu desanimava principalmente quando ia para Cuiabá e ficava tudo atrasado e tinha que copiar as matérias. Aí até as colegas me ajudavam a copiar, até eu colocar tudo em ordem. [...] Eu era bem mais velha que os colegas da turma. Eles me tratavam com respeito, e até pediam minha ajuda quando precisavam e me ajudavam quando eu precisava. Desde o primeiro ano eles sempre souberam me respeitar, até que a gente terminou o terceiro ano. [...] Agradeço muito aos professores que me deram muito apoio lá dentro. (Maria)

Nossa, a escola pra mim foi uma coisa muito boa, eu parei de estudar muito cedo e não tive mais oportunidade de estudar, fiquei dezesseis anos parada, e aqui, com o Projovem e Proeja, a escola me ajudou para mim estudar e eu consegui concluir os meus estudos, mas com a ajuda da escola. [...] Às vezes, a gente que é dona de casa não conseguia vir todos os dias para a escola. Foi difícil, porque a gente mexe com horta, com leite e é sempre uma correria e tinha dia que não dava pra ir na escola. A gente mora a um quilômetro longe do ponto de ônibus e tinha dia que tava chovendo e não dava pra chegar, mas fazendo cada dia um pouquinho, graças a Deus eu consegui terminar. [...] A escola é muito boa pra nós, inclusive minha filha conseguiu terminar com muita dificuldade e já conseguiu um emprego e é uma ajuda já pra ela poder pagar a faculdade dela. (Vera)

Eu comecei primeiro a estudar à noite, o professor Jared foi nosso professor, na época. Aí depois eu passei a estudar junto com as crianças. Aí, Noemia foi minha professora, Diane foi minha professora, Aparecida foi minha professora. eu tava indo bem, Diane foi a última, eu tava indo bem, mas aí aconteceu isso aí, essa eu perdi a minha carreira, eu confesso pra vocês, o estudo eu perdi. Em fevereiro de 2009 eu tava até com o material comprado pra estudar, aí em fevereiro mataram meu filho e sete meses depois teve o outro que sofreu um acidente e morreu também, aí totalmente eu desanimei. Eu agradeço ao meu Deus porque eu tenho saúde pra fazer o que eu faço e não fiquei doente e porque eu não perdi a minha carreira de fé. eu sou evangélica, fiquei firme e hoje eu tô até mais, mas pra estudar eu não consegui

encontrar essa coragem. (Flávia)

A feira como um movimento social

A Feira de Produtos da Terra surgiu através da iniciativa de um grupo de professores do Projovem Campo Saberes da Terra, no mês de julho de 2012, com o intuito de oportunizar aos alunos e demais pessoas da comunidade a possibilidade de vender os produtos fabricados e/ou produzidos em suas propriedades, além de possibilitar a interação entre as pessoas. Desde então, a Feira de Produtos da Terra tem sido um espaço mensal oferecido pela Escola Estadual para que as pessoas possam realizar compras, vendas, reforçando, assim, o orçamento familiar.

A Feira de Produtos da Terra atraiu a atenção de autoridades e representantes do poder público, viabilizando a participação dos feirantes numa feira, que acontece semanalmente em Nobres, se tornando mais uma possibilidade de escoamento da produção e, conseqüentemente, de melhoria da qualidade de vida e aumento no orçamento familiar.

Na feira é expressiva participação de mulheres que foram alunas da escola Cândido Rondon. Esse fato motivou-nos a buscar relações entre a escolarização e o movimento social que resultou na criação e manutenção da feira. Apresentamos a seguir os resultados do nosso estudo considerando os seguintes aspectos: perfil das mulheres entrevistadas, trajetória estudantil vivenciadas por elas, opinião sobre as relações entre a escolarização e a atuação na feira.

Eu acho a Feira boa, além de eu ir vender, eu fico no meio das pessoas da sociedade, me divertindo, porque se ficar só parada, entra em depressão. Você vai na escola, vê seus amigos. Até hoje eu tenho saudade das minhas amigas. Você vai na Feira, conversa com um e com outro. É bom ir na Feira não só por causa do dinheiro, mas pelos amigos que a gente encontra. (Delma)

Na Feira a gente vê de tudo. Você encontra com os amigos, você faz novas amizades, você aprende trabalhar, você aprende como viver no meio da sociedade. Então, não é só na venda, a Feira tanto ensina a gente trabalhar, vender, como ensina a gente a participar, conviver na sociedade. (Neide)

Eu comecei na Feira de Nobres, aí, como eu estudava na escola, comecei participar na da escola também, desde o comecinho dela. A Feira é boa, ajuda bastante no orçamento da família, eu acho que tinha que ter pelo menos duas vezes por mês. (Maria)

Eu participo da Feira daqui desde que ela começou. Eu vendo na feira de Nobres todo final de semana. Essa feira tem vários pontos pra nós, um é que a gente tem mais

um lugar para vender nossos produtos, que a gente sabe que pode trabalhar que a gente vai ter onde vender. Outra coisa é que a Feira é um ponto de encontro, um lugar que as pessoas gostam de ir para encontrar com as pessoas, já que todo mundo trabalha muito e não tem tempo de ir na casa de um vizinho, visitar um e outro e na Feira a gente se encontra. A escola sempre nos ajudou e nunca abriu mão de nos ajudar com relação à Feira e isso é muito bom para os produtores. Com o dinheiro da Feira a gente compra umas coisinhas a mais pra casa, umas coisas que as crianças precisam, umas coisas diferentes. Espero que a escola nunca deixe a Feira acabar. (Vera)

A participação na Feira compensou, é um distraimento. a gente fica se movimentando no meio do povo, conversa, se diverte, é um divertimento pra gente, que já está de idade e não pode viver só dentro de casa, tem sempre que sair, conversar com as pessoas, se distrair. Na Feira é uma oportunidade da gente encontrar as colegas, conversar, sorrir, contar histórias. Foi uma coisa muito boa a escola ter feito a Feira, abrir o espaço para as pessoas. Eu gosto muito de feira, na cidade que eu fui criada tinha feira e a gente ia e convivia, comprava e vendia. (Flávia)

CONCLUSÃO

O presente trabalho nos permitiu concluir que houve grande interesse das entrevistadas no tocante à retomada da trajetória escolar e que as mesmas encontraram na escola, um espaço que, além de respeitar a realidade, tornou possível a realização de um sonho comum a todas, que era a apropriação dos conhecimentos que seriam levados para a vida toda.

De acordo com as entrevistadas, a escola possibilitou, por meio de diferentes formas de organização, que as mesmas se mostrassem visibilizadas e valorizadas diante do que se propunham ao retomar os estudos, melhorando a autoestima, confiança e atuação na sociedade na qual estão inseridas.

Pudemos perceber, durante o nosso trabalho, que a escola está cada vez mais em busca da preparação para atender, com qualidade, as demandas que se apresentam, consolidando a construção de uma identidade de escola no e do campo, atendendo à diversidade e especificidades da realidade da clientela. As entrevistadas demonstraram claramente que encontraram na escola o apoio necessário para a concretização de seus objetivos, mesmo diante das dificuldades e adversidades. Elas demonstraram, de forma unânime, que a Feira de Produtos da Terra é uma possibilidade de comprar, vender e melhorar o orçamento familiar, além de privilegiar a interação entre as pessoas, de maneira prazerosa e dinâmica.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez. **A educação básica e o movimento social do campo**. In: _____; FERNANDES, Bernardo M. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999a. (Coleção Por Uma Educação do Campo, v. 2). pp. 13-52.

Arroyo, Miguel Gonzalez (Org.); CALDART, R. S. (Org.); Mônica Castagna Molina (Org.). **Por Uma Educação do Campo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1. 214p

CALDART, Roseli Salete; Paludo, Conceição (Org.); Doll, Johannes (Org.). **Como se formam os sujeitos do campo?**

1. ed. Brasília: NEAD, 2006. v. 1. 157p

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A questão agrária no Brasil hoje: subsídios para pensar a educação do campo**. Cadernos Temáticos - Educação do Campo, v. 1, p. 15-22, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

GUGELMIN, Glória Maria Mendes Curvo. **Educação do Campo: Uma análise do diálogo entre saber escolar e saber local no contexto do Programa Projovem Campo Saberes da Terra**. 2014, 90 p. Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação.

MUYLAERT Camila Junqueira, et al. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. In. **Revista Escola Enfermagem da USP**. Nº 48. 2014. p.193-199.

Disponível em:

<http://>

[www.](http://www.scielo.br)

[scielo.br](http://www.scielo.br)

[/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf)

. Acesso em 08 de julho de 2016.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **A educação básica e o movimento social do campo**. In: _____; FERNANDES, Bernardo M. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999a. (Coleção Por Uma Educação do Campo, v. 2). pp. 13-52. Arroyo, Miguel Gonzalez (Org.); CALDART, R. S. (Org.); Mônica Castagna Molina (Org.). **Por Uma Educação do Campo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1. 214p CALDART, Roseli Salete; Paludo, Conceição (Org.); Doll, Johannes (Org.). **Como se formam os sujeitos do campo?**

1. ed. Brasília: NEAD, 2006. v. 1. 157p FERNANDES, Bernardo Mançano. **A questão agrária no Brasil hoje: subsídios para pensar a educação do campo**. Cadernos Temáticos - Educação do Campo, v. 1, p. 15-22,

2005. GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997. GUGELMIN, Glória Maria Mendes Curvo. **Educação do Campo: Uma análise do diálogo entre saber escolar e saber local no contexto do Programa Projovem Campo Saberes da Terra**. 2014, 90 p. Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação. MUYLAERT Camila Junqueira, et al. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. In. **Revista Escola Enfermagem da USP**. Nº 48. 2014. p.193-199.

Disponível em:

<http://>

[www.](http://www.scielo.br)

[scielo.br](http://www.scielo.br)

[/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf)

. Acesso em 08 de julho de 2016.

* Diane do Carmo Brites. Professora Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, na Escola do Campo Marechal Cândido Rondon, Nobres – MT. Educação do Campo, Movimentos Sociais. E-mail: dianebrates@hotmail.com

** Nildete dos Santos Pombo Machado. Professora Especialista em Educação Especial, na Escola do Campo Marechal Cândido Rondon, Nobres – MT. Educação do Campo, Movimentos Sociais. E-mail: nildetepombomachado@hotmail.com

Recebido em: 07/08/2016

Aprovado em: 08/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: